

APRESENTAÇÃO

Dossiê: Inteligência Artificial e Juventudes Solitárias

A Inteligência Artificial representa um salto gigantesco em termos de praticidade para a realização de numerosas tarefas. A possibilidade de acelerar o desenvolvimento científico, intensificar a produtividade do trabalho e aumentar os ganhos econômicos de empresas e pessoas são algumas das vantagens que ela promete. É compreensível, portanto, o entusiasmo que as ferramentas de IA despertam hoje em dia.

O deslumbramento diante das novas possibilidades que se abrem não deve nos iludir, porém. Como qualquer outro avanço tecnológico, a IA pode trazer muitos benefícios, mas também novos desafios e problemas: tudo depende dos modos e dos objetivos de seu uso. Daí ser necessária cuidadosa avaliação de quais serão seus impactos em diferentes esferas de atividades, sobretudo por se tratar de inovação tão poderosa e disruptiva.

O presente número de *Terêncio: Revista dos Alunos da FEI* nasceu do desejo de provocar a reflexão dos estudantes sobre questões antropológicas e éticas levantadas pelo advento da Inteligência Artificial. Por isso, o tema escolhido diz respeito à juventude, considerando de modo particular os impactos da IA na interação pessoal e social.

Dados recentes da Organização Mundial da Saúde apontam para aumento expressivo da porcentagem de jovens que declaram sentir-se solitários. Paradoxalmente, a imersão cada vez mais intensa no universo das redes sociais e a troca constante de mensagens têm levado ao isolamento, fenômeno mais acentuado entre os jovens de 13 a 29 anos que no restante da população. Em semelhante contexto, os *chatbots* surgem como alternativa cômoda para manter “conversas” ou até mesmo para obter conselhos e orientação, elementos cada vez mais raros na vida real.

Provocados por tema tão atual, mais uma vez os alunos das disciplinas de “Comunicação e Expressão” e “Leitura e Pensamento Crítico” da FEI elaboraram observações interessantes e originais.

Os textos aqui reunidos discutem não apenas a tentativa de preencher o vazio da solidão por meio de diálogos com ferramentas de IA e suas consequências para a saúde mental. Por meio de entrevistas e da leitura de artigos científicos ou da imprensa em geral, alguns trabalhos publicados neste número da Revista debatem as vantagens e os riscos do uso de *chatbots* como recurso de apoio psicológico; outros textos discutem temas tão

variados e atuais como o processo de radicalização política fomentado nas redes sociais, a utilização de IA para a “recriação” de *performances* de artistas já falecidos e a moda dos bebês *reborn*.

Para além de seu valor intrínseco, tais reflexões constituem um valioso exercício de análise crítica de situações presentes na vida dos estudantes, ajudando-os a formar um espírito mais atento e questionador, sem prejuízo da abertura para as novidades tecnológicas.

Para concluir, gostaríamos de apontar uma curiosa coincidência entre as ideias apresentadas pelos alunos e certas observações contidas num recente texto do Vaticano sobre o alcance e os limites da Inteligência Artificial.

Intitulado *Antiqua et Nova*, este documento sugere que, apesar do nome, a IA não constitui verdadeira “inteligência”, no sentido pleno da palavra. Com efeito, tal ferramenta não chega propriamente a “pensar”, pois essa atividade requer capacidades de abstração, de envolvimento emocional e criatividade, mobilizando também questões relativas ao senso moral e estético do sujeito. Portanto, prossegue o documento, não se deve confundir a genuína inteligência com a mera capacidade de realizar determinadas tarefas, por mais complexas e importantes que elas sejam.

É altamente significativo o fato de muitos dos jovens autores dos textos aqui publicados terem chegado a intuições semelhantes, ainda que provavelmente não conhecessem o referido documento do Vaticano. A coincidência sugere que os alunos efetivamente *refletiram* sobre o tema – ou seja, envolveram-se pessoalmente com ele, usando sua criatividade, sensibilidade e senso crítico para analisar os desafios impostos pela IA.

Afinal, num mundo em que algoritmos parecem capazes de “pensar” e simulam até mesmo atitudes de acolhimento, é mais urgente que nunca usar nossa própria *inteligência* em sentido amplo. Só assim poderemos fazer os que as máquinas nunca farão: buscar o sentido das coisas e avaliar em que medida a tecnologia pode ser usada em prol de uma vida mais justa, livre e verdadeiramente humana.

Boa leitura a todos!

Os Editores

Profa. Dra. Andréa Gomes de Alencar

Prof. Dr. Raúl Cesar Gouveia Fernandes